

APRESENTAÇÃO

PRÁTICAS COTIDIANAS DE RESISTÊNCIA: DIÁLOGOS DE PESQUISA COM A OBRA DE JAMES SCOTT
MARILDA APARECIDA DE MENESES E CELSO GESTERMEIER DO NASCIMENTO

A proposta desse dossiê é reunir artigos de pesquisadores de diversas disciplinas que, de algum modo, tenham mobilizado a noção de prática cotidiana de resistência, proposta pelo antropólogo e cientista político James Scott, em suas pesquisas e construções analíticas. Não faremos aqui uma apresentação da obra nem da trajetória deste pensador, tarefa que já foi realizada anteriormente¹.

A nossa inspiração para reunir artigos de categorias sociais como escravos, camponeses, trabalhadores assalariados rurais, sitiante, e organizações empresariais, bem como eventos, temas e acontecimentos em espaços e tempos diversificados fundamenta-se na compreensão de que James Scott não propõe propriamente uma teoria geral da resistência, mas sim uma interpretação das formas de resistência. Nesse sentido, a noção de resistência só pode ser teorizada em sua especificidade, ou seja, a partir da multiplicidade de formas de ação e pensamento dos sujeitos envolvidos em relações de dominação.

O conjunto de artigos aqui reunidos mostram, a partir de um cenário amplo de atores, espaços sociais, tempos históricos, objetos de disputa e negociações, como ocorrem os significados das formas de resistência ocultas, dissimuladas, ou abertas, públicas, de confronto com os detentores do poder. Assim, representam um exercício teórico e metodológico de aproximação entre a conduta política “fugidia” e a escrita acadêmica sobre relações de poder.

O artigo de Celso Gestermeier do Nascimento “Trajetórias de um conceito: a Economia Moral dos Pobres” privilegia o uso do conceito de Economia Moral desenvolvido por Edward P. Thompson para análise de motins de fome na Inglaterra do século XVIII, propondo que os mesmos não sejam vistos como simples “revoluções do estômago”, mas providas de uma série de comportamentos morais. Dessa forma é que o conceito foi reaproveitado por James Scott, alargando em muito o seu uso no tempo e no espaço, tornando-o útil para pensar inclusive os movimentos sociais contemporâneos.

Karl Monsma, em “Resistência cotidiana, fugas e a dominação negociada: os campeiros escravizados do Rio Grande do Sul” analisa algumas práticas de resistência dos campeiros escravizados do Rio Grande do Sul, no século XIX, como as fugas ou violência contra o senhor ou o capataz. Confirma a teoria de James Scott, assinalando que a “hegemonia” é rasa, pois a grande maioria dos escravos não acreditava na justiça de seu cativo. Porém, problematiza a ideia de Scott, que os subalternos formulam suas demandas dentro da lógica da ideologia hegemônica por motivos puramente estratégicos. As evidências históricas apresentadas pelo autor levam a conclusão que, mesmo dentro de um sistema reconhecidamente injusto, indivíduos poderosos podem ganhar o respeito de grupos subalternos pelo tratamento relativamente decente e pela distribuição de favores. Assim, chama atenção para as diferenciações internas entre os escravos na relação com os senhores, mostrando que a presença de informantes, colaboradores e espões dificulta o pleno desenvolvimento da transcrição escondida e limita o apoio coletivo tácito aos atos de resistência cotidiana.

1 Citamos aqui os artigos de Marilda A. Menezes: “O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação: a contribuição de James C. Scott”. In: *Raízes*, Campina Grande, v. 21, n. 1, jan./jun. 2002 e o de MONSMA, K. “James C. Scott e a resistência cotidiana no campo: uma avaliação crítica”. In: *BIB*, Rio de Janeiro, n. 49, jan./jul. 2000, p. 95-121.

O artigo de Benedita de Cassia Ferreira Costa e Maristela de Paula Andrade “Briga com poderosos – resistência camponesa contra grandes projetos no Maranhão” revela o contexto da introdução de usinas termoelétricas na região de cocais, no Médio Mearim Maranhense e a reação de famílias que dependem da atividade extrativista do coco de babaçu. Valendo-se do uso de entrevistas, as autoras puderam corroborar ações anônimas de resistência cotidiana, tais como disparos de tiros, incêndios, “greves na estrada” contra veículos da empresa, o episódio da “greve do container” etc. O artigo argumenta que tais ações não eram isoladas, mas compunham um continuum de respostas ao processo de humilhação e vergonha a que estavam sendo submetidas as famílias.

Jaime Santos Júnior, com o artigo “Entre o palco e a coxia: a dramaturgia das formas de resistência nos canaviais sergipanos” apresenta reflexões a partir da pesquisa com trabalhadores dos canaviais sergipanos e de como ali se pode observar as ações de resistência presentes em seu cotidiano. Fazendo uso de uma metodologia particular, ao “ler as falas ao avesso”, mostra-nos a consciência de que para isso é necessário recorrer à percepção de uma dramaturgia das formas de conflito que impele o pesquisador às coxias do teatro, local onde espera observar – no contato com os próprios trabalhadores - como eles incorporam o conceito de exploração e injustiça para daí desenvolverem um leque de ações de resistência que, à primeira vista, estão encobertas.

O artigo apresentado por Francisco de Assis Batista, “Nas trilhas da resistência cotidiana: o protagonismo exercitado pelos camponeses no cariri paraibano (1900-1950)” mergulhamos na história de violência da região do cariri paraibano dos anos de 1900 a 1950, período em que a dominação de uma elite rural está se efetivando a partir da imposição de uma disciplina ferrenha sobre camponeses que estão sendo expropriados. No entanto, as ações violentas são acompanhadas por diversas táticas de resistência, como a queima de cercas e assassinatos, que devem ser pensados numa perspectiva do uso do anonimato e da reciprocidade. Assim também a existência de resistências menos diretas e mais simbólicas, como as cantorias – oriundas de uma tradição oral camponesa - que se faziam sem que os dominantes, muitas vezes, percebessem seu conteúdo subversivo.

Com o trabalho de Beatriz Medeiros de Melo e Maria Aparecida de Moraes Silva “Expansão canavieira e resistência sitiante”, saltamos para o noroeste paulista de tempos recentes, a estudar a expansão recente do agronegócio sucroalcooleiro num espaço dominado por sítiantes, em sua maioria, descendentes de italianos e japoneses. A resistência à chegada da novidade ocorre de várias formas, como nos mostram as autoras: na produção material, através da persistência na manutenção da agricultura familiar diversificada, policultora e na variada comercialização de produtos, a propensão ao autoconsumo etc. Mas também resistem de outras formas, destacando-se o que as autoras chamam de “sentimento de ruralidade”, que procura manter a imagem de si mesmos como “jecas”, “caipiras”, e mesmo englobando uma “identidade nacional” que reforça as tradições dos de fora: nordestinos, italianos, japoneses etc. Tal resistência pode ser vista em atividades cotidianas, como a pescaria, o churrasco partilhado, as comidas herdadas dos antepassados e partilhada com os vizinhos, unidos pela identidade do saudoso sítio.

Darcon Sousa, no artigo “Aplicação do conceito de “resistência cotidiana” de James C. Scott ao universo das organizações empresariais: perspectivas e aproximações”, realiza um interessante trabalho de aplicação de conceitos de James C. Scott, notadamente o de resistência cotidiana. Dessa forma, o autor contraria a visão de que nas organizações empresas a hierarquia neutralizaria as reações dos dominados e impediria o surgimento de comportamentos e respostas diferenciados por parte de seus funcionários. Nelas, o autor encontra também formas de resistência bem conhecidas que Scott apresenta para compreensão do universo camponês, como o boato, a fofoca, o uso do discurso oculto, a repreensão a colegas etc.

Ou seja, verifica que também nessas organizações, que primam pela eficiência e por uma suposta homogeneidade de opiniões, também ocorre uma divisão entre dominantes e dominados e, sendo assim, pontos em comum com o trabalho de James Scott podem ser verificados, confirmando a eficácia de seu trabalho.

Frederico de Castro Neves, em “O discurso oculto dos retirantes das secas”, explora o conceito de discurso oculto de James Scott para entender ações de camponeses durante o período de secas no Ceará entre os séculos XIX e XX. O autor estuda as ações das multidões em concordância com as noções de resistência cotidiana e de justiça popular – também propostas por Scott - em contraposição à “visão espasmódica” de tais ações. Sob tais pressupostos, Neves reflete a visão das multidões sobre o imperador Dom Pedro II e suas ações frente às secas no final do século XIX – o “monarquismo ingênuo” – a questão da liderança de tais movimentos, defendendo a existência de uma “infrapolítica dos pobres” e termina por rasgurar os elementos que compõem a utopia dos pobres na luta contra a implantação da economia de mercado em fins do século XIX no semiárido cearense.

Esperamos, por fim, que os artigos aqui reunidos possam contribuir para aumentar a discussão em torno do trabalho de James C. Scott, por acreditarmos que muito ainda há para ser refletido a cerca dos conceitos construídos por este autor fascinante. Boa leitura a todos!

Trabalho recebido em 10/11/2013
Aprovado para publicação em 02/04/2014